

Elefante branco com paninho em cima

Proposição

Ana Maria Maia

Desenvolvimento

Comitê da Juventude

(Ana Maria Maia, Daniel Jablonski, Ícaro Vilaça, Júlia Ayerbe e Manuela Eichner)

Ao movimento secundarista de São Paulo

Com 34 anos em 1991, Leonilson havia sido lançado como artista pela “Geração 80” e fazia ilustrações semanais para a coluna da jornalista Barbara Gancia na *Folha de S.Paulo*. Em 9 de outubro, publicou um autorretrato seguido de dúvidas: “Quem sou? O que faço? Para onde vou?”. Sua face escondida aquecia a promessa de uma aparição. Se autodenominou “Elefante branco com paninho em cima”, gerando uma metáfora de si e da juventude no circuito da arte e na sociedade. Talvez hiperdimensionada, talvez surpreendente, talvez dócil ou ainda rebelde.

Idade, imagem e atitude entram nessa conta para anunciar o novo. Anúncio de hoje que, de quando em quando, se repete, de novo e de novo. O fato é que a juventude se tornou uma verdadeira obsessão do contemporâneo, a ponto de faltarem iniciativas e visibilidade para outros estágios da vida, como a maturidade e a velhice. Esta mostra é fruto de uma pesquisa sobre as representações da juventude na arte, pela ótica dos artistas, que acumulam funções de criadores e criaturas nessa lógica de produção em série de sujeitos singulares. Quais são suas respostas às instituições e ao mercado? Como representam a si próprios e seus paradigmas de tempo, trabalho e geração, em comentário e/ou resistência às expectativas que os cercam?

Comitê da Juventude

Autorretratos e autocríticas são necessários, tanto quanto a reflexão sobre o individualismo que sublinha nomes e sobrenomes para configurar autorias e, sobretudo, carreiras no meio cultural. A busca de uma inteligência coletiva trouxe para o centro dessa pesquisa o arranjo de um grupo de estudo e trabalho, o Comitê da Juventude. Formado por cinco integrantes, todos nascidos entre 1982 e 1987, o grupo compartilhou as bases conceituais e técnicas desta mostra e do seu programa de performances e palestras. O maior desejo foi vivenciar um processo de criação transversal, que não alienasse as partes, mas as articulasse e fortalecesse como cúmplices. E-mails, mensagens via WhatsApp, reuniões presenciais, retiro em um sítio, volta, rotina que suga, golpe em andamento (#ForaTemer), dispersão. Prazo, escrita a muitas mãos, cacofonia de vozes, escuta, espera e escolha. Mais que um método e marcos biográficos em comum, o tempo livre e prolongado, a disponibilidade e os afetos foram, e continuam sendo, os melhores amigos de uma geração.